

**ADRIANA MARTINS**

# **Religiosidade na Colônia Portuguesa: práticas e personagens**

**CAMPINA GRANDE – PARAÍBA  
OUTUBRO – 2007**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA

ADRIANA MARTINS

# Religiosidade na Colônia Portuguesa: práticas e personagens

Monografia apresentada ao curso de Bacharelado em História da Universidade Federal de Campina Grande como parte integrante dos requisitos para conclusão do curso.

Orientador: Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira.  
Co-Orientador: Herry Charriery da Costa Santos.

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA  
OUTUBRO – 2007

ADRIANA MARTINS

# Religiosidade na Colônia Portuguesa: práticas e personagens

MONOGRAFIA APRESENTADA EM \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Iranilson Buriti de Oliveira.  
Orientador

---

Rosilene Dias Montenegro  
Examinadora

---

Regina Coelli Gomes Nascimento  
Examinadora



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

## *Dedicatória*

*Aos meus pais, por todo esforço, dedicação e compreensão e por tudo que me ensinaram. Vocês me mostraram que o caminho era longo, mas que a vitória era possível.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus. Pois sei que ele esta sempre presente em todos os momentos de minha vida, me dando força e coragem para que eu possa vencer os obstáculos que encontro no caminho e assim seguir em frente.

Meu muito obrigado ao meu orientador o Professor Iranilson Buriti de Oliveira, por toda sua dedicação e competência.

À banca o meu respeito e admiração; Rosilene Dias Montenegro e Regina Coelli Gomes Nascimento. Professoras respeitadas e admiradas pelo trabalho que desenvolvem na Universidade, junto aos alunos.

Meu muito obrigado a todos os professores do DHG, me orgulho de ter sido aluna de cada um de vocês, que com tanta competência e dedicação edificaram o meu saber. Agradeço especialmente a Rosilene, Benjamim, Nilda, Celso, Sandra, Josemir Camilo, Durval Muniz, a vocês o meu agradecimento torna-se pouco diante do muito que foi oferecido.

Gostaria de agradecer também a Ana e a Rosa que sempre me receberam bem na coordenação do curso de História.

Agradeço a minha família especialmente aos meus pais, que no percurso da vida me ensinaram a agir com dignidade, honestidade e respeito, e sem medir esforços me ajudaram a realizar este sonho. Tenho a certeza de que apenas um obrigado, nao é suficiente para expressar a minha gratidão, então que apenas um olhar e um abraço forte, sejam minhas palavras a vocês, que são as pessoas mais importantes da minha vida. A vocês minha eterna gratidão. Meu obrigado também ao meu tio Pedro Soares ( Professor aposentado da UEPB), pelo incentivo.

Agradeço também a todas as minhas amigas e amigos do curso de história, que se fizeram presentes no decorrer da minha vida acadêmica. Sentirei saudades de todas vocês. Agradeço também, ao meu grande amigo e Co-Orientador Herry Charriery da Costa Santos, a você meu carinho e admiração!!!

Meu muito obrigado também a Secretaria de Educação de Esperança, Vânia Lúcia Delfino, por todo o incentivo e por toda compreensão em organizar os meus horários de trabalho de forma que não prejudicasse nem a mim nem aos alunos. A você minha eterna gratidão.

A emoção é forte e portanto neste momento gostaria de dizer que cada momento vivido aqui na Universidade permanecerá para sempre em meu coração, pois cada momento da vida é único e como único deve ser eternizado.

## RESUMO

Neste trabalho monográfico, busco apresentar o processo de colonização e algumas das práticas de evangelização vivenciados no Brasil durante os séculos XVI e XVIII, procurando compreender melhor o universo religioso dos colonizadores e dos colonizados, seus desejos, sonhos, expectativas, ambições e frustrações, para tanto analiso e problematizo o processo de colonização discutindo o sentido e a dimensão histórica desse processo, ressaltando que a cultura e a religião do conquistador não foram suficientemente fortes para suplantarem os costumes e tradições tribais e africanas. Analiso também o sincretismo religioso e multifacetado, elemento importante para a compreensão da religiosidade colonial.

Palavras-chaves: Colonização, religiosidade e sincretismo

# SUMÁRIO

Resumo

Introdução

Capítulo I

Colonização: sonhos, desejos e frustrações

- 1.1. Contextualização da Colonização brasileira ..... 03
- 1.2. Colonização: céu e inferno no horizonte do colonizador ..... 04
- 1.3. Descobrindo riquezas na terra e enriquecendo os céus,  
convertendo almas ..... 07
- 1.4. As identidades religiosas na Colônia ..... 09

Capítulo II

Religiosidade na Colônia: cotidiano multifacetado

- 2.1. O Diabo e a Terra de Santa Cruz: um breve comentário ..... 16
- 2.2. Religião oficial: Como viviam os que se consideravam  
verdadeiros católicos ou seja “bons cristãos”? ..... 18
- 2.3. Tribunal do Santo Ofício: perseguição e punição ..... 22
- 2.4. Sincretismo e Religiosidade Colonial ..... 23
- Considerações finais ..... 28
- Referências bibliográficas ..... 30

*Componentes do universo mental, nunca estiveram isolados uns dos outros, mantendo entre si uma relação constante e contraditória: na esfera divina, não existia Deus sem o Diabo; no mundo da natureza, não existia Paraíso Terrestre sem inferno; entre os homens, alternavam-se virtude e pecado.*

*Laura de Mello e Souza*

## INTRODUÇÃO

O estudo acerca do processo de colonização e evangelização durante os séculos XVI a XVIII é fundamental para a compreensão da religião e religiosidade no Brasil Colônia, e é um tema que desperta interesse entre os estudiosos de história e de outras áreas das relações humanas de todo o mundo. A religiosidade no período colonial não era apenas uma experiência religiosa, mas sim múltiplas vivências religiosas que se faziam presentes em cada ato da vida, no modo de agir e de pensar, na atuação social e política do dia-a-dia da Colônia portuguesa. Segundo Mary Del Priore, o rico, o remediado ou o pobre; o negro, o mulato ou o branco, apropriaram-se das práticas religiosas, usando-as segundo suas necessidades espirituais e materiais.

Ao estudar a religião e a religiosidade no período colonial, percebi que esta temática estimulava e despertava uma grande curiosidade em mim. Quanto mais eu lia sobre este assunto, mais fascinada ficava, e foi a partir desta curiosidade que resolvi aprofundar as minhas leituras acerca deste assunto, produzindo assim esta monografia de conclusão de curso do Bacharelado em História.

Este trabalho tem como pressuposto metodológico as contribuições historiográficas de Mary Del Priore, Laura de Mello e Souza, Anita Novinsky, Boris Fausto, Eduardo Hoornart, entre outros autores que se dedicaram ao estudo da religião e religiosidade no Brasil Colonial.

Esta monografia é composta por dois capítulos: no primeiro capítulo, intitulado **“Colonização: sonhos, desejos e frustrações”**, busco analisar o momento histórico do Brasil, ou seja, a contextualização da colonização brasileira, com intuito de compreender de forma mais ampla o universo religioso dos colonizadores e dos colonizados durante o período em que nós convencionalmente chamamos de época colonial. Portanto, é necessário compreender melhor a questão da religião e religiosidade colonial para analisarmos os pressupostos da religião Católica trazida para o Brasil pelos portugueses, e junto à elas, o desenvolvimento da colonização.

No segundo capítulo, intitulado, **“Religiosidade na Colônia: o cotidiano multifacetado”** apresento a princípio um breve comentário sobre o livro “O

Diabo e a Terra de Santa Cruz” de Laura de mello e Souza, a qual contribuiu de forma significativa através de obra para a compreensão da vivência religiosa na Colônia. Analiso, também a religião considerada "oficial" (Católica), mostrando como esta era vivenciada no cotidiano colonial e como esta representou espaços de imposição, evangelização e lazer. Analiso também a atuação e os interesses do Tribunal do Santo Ofício, mostrando como este perseguiu e puniu os que fugiam das normas impostas pela Igreja e os que prosperavam fora do controle do sistema colonial (Estado e igreja). Ainda neste capítulo, discorro sobre o escravo africano, isto é, como o africano vivenciou a religiosidade neste período da História, tentando compreender melhor por que os negros eram vistos muitas vezes como demônios, quando ao fugir da religião "oficial", buscavam muitas vezes manter viva sua identidade através das práticas mágicas e de feitiçaria, as quais eram consideradas pela Igreja Católica como demoníacas.

Procuró também analisar os múltiplos aspectos que perpassaram a vida e o cotidiano de homens e mulheres no Brasil colônia, destacando suas táticas e estratégias no que diz respeito aos seus ritos religiosos e suas tradições, bem como perceber as inúmeras formas de burlar às ordens impostas pela Igreja Católica da época.

## CAPÍTULO I

*Apesar da oposição às vezes violenta da Igreja Católica e da Inquisição, outros grupos religiosos também se fixaram no Brasil e aqui conseguiram estabelecer seu universo espiritual.*

*Mary Del Priore*

### 1.1. COLONIZAÇÃO: SONHOS, DESEJOS E FRUSTRAÇÕES

Neste trabalho monográfico, buscarei tratar da religião e religiosidade como expressão cultural de homens e mulheres que, em condições específicas, viveram no Brasil colonial. As práticas e os sentimentos religiosos destas pessoas não eram simples tradições ou repetições de uma liturgia conhecida na infância. Sua fé, suas crenças, sua religiosidade, enfim, realizavam-se a cada momento, em cada ato da vida, no modo de agir e de pensar na vida familiar e na atuação social e política.

Assim, entender a problemática da religião e da religiosidade é fundamental para a compreensão da história do Brasil, além de ser um assunto que desperta a curiosidade de estudiosos de história em todo o mundo.

A Igreja Católica desempenhou um importante papel na constituição da sociedade brasileira, seja pelo caráter assumido na cristianização dos indígenas na catequese dos colonos, seja pela difusão da fé católica e pelo combate dos considerados inimigos (o judaísmo, protestantismo e as crenças africanas).

Este estudo de cunho historiográfico relativo à influência do imaginário e das mentalidades durante a colonização brasileira possibilita uma amplitude cada vez maior na compreensão da religiosidade no Brasil dos séculos XVI e XVIII. Fundamentada em uma perspectiva cultural no interior da denominada História das Mentalidades, procurarei a partir deste capítulo, redimensionar a "História dos Descobrimentos" buscando compreender o universo religioso dos colonizadores e dos colonizados nas terras brasileiras seiscentistas e oitocentista.

A História do Brasil, durante anos se inspirou em um modelo de sociedade assentada nas expectativas de expansão territorial via dilatação da fé. Sendo assim, torna-se necessário discutir a contextualização da colonização brasileira

para uma compreensível problematização da religião e o seu peso significativo que exerceu sobre a constituição da religiosidade colonial brasileira.

Paulatinamente a religião católica foi se transformando em importante ferramenta de manutenção da especificidade cultural implantada no solo brasileiro. Dessa forma, aliada ao Reino Português, a Igreja Católica lançou-se à tarefa da colonização com tanta eficácia, que se transformou numa das mais sólidas e rígidas instituições do país. Com os Jesuítas, catequizou os "selvagens" e com a Inquisição condenou os "satânicos", no entanto, apesar de sua forte influência no contexto da colonização, teve de aprender a conviver com outras derivações religiosas "não-oficiais" e outras práticas culturais. Portanto, o que se segue brevemente, em princípio, será uma problematização da colonização brasileira e da expansão da fé católica nas terras do "novo mundo", onde homens edificaram a sua cultura em espaços de fé e veneração durante os séculos XVI e XVIII, mas também perceber as suas transgressões perante a ordem religiosa da época.

## **1.2.COLONIZAÇÃO:CEU E INFERNO NO HORIZONTE DO COLONIZADOR**

As principais instituições que visaram a organização e o controle da colonização brasileira foram o Estado e a Igreja Católica, muito embora sejam instituições diferentes, naqueles tempos (séculos XVI e XVII) estavam ligadas umas à outra. Isto é, durante a colonização portuguesa no Brasil a religião do Estado era a Católica e os seus adeptos, ou seja, os colonos deveriam ser também católicos.

Logo após a chegada dos portugueses às "*Terras brasilis*" o Estado e a Igreja distinguiram suas funções com o objetivo de garantir seus espaços de soberania na colônia. Segundo o historiador Boris Fausto, o Estado procurou se comprometer com a administração, com o estabelecimento de política de povoamento, mão-de-obra e quanto ao tipo de relacionamento que deveria existir entre a Colônia e a Metrópole. Já a Igreja teve uma tarefa relevante na colonização. Vejamos o que diz Boris Fausto:

*A Igreja tinha em suas mãos a educação das pessoas, o controle das almas na vida diária, era um instrumento muito eficaz para veicular a idéia geral de obediência e, em especial, a obediência ao poder do Estado.*

*Porém, a Igreja não se limitava apenas a essa tarefa...*

*Ela estava presente na vida e na morte das pessoas, nos episódios decisivos do nascimento, casamento e morte. O ingresso na comunidade, o enquadramento nos padrões de uma vida decente, a partida sem pecado deste vale de lágrimas dependiam de atos monopolizados pela Igreja: o batismo, a crisma, o casamento religioso, a confissão e a extrema-unção na hora da morte.<sup>1</sup>*

Assim, percebia-se uma clara subordinação da Igreja ao Estado através de fortes mecanismos como o padroado Real e outros meios de controle que será discutido mais na frente. Entretanto, essa subordinação foi em parte cessada em razão da forte influência que a igreja exercia na Coroa através da Companhia de Jesus até a época do ministro português Marquês de Pombal (1750-1777), buscando, a partir daí cumprir o seu papel de "salvar" índios e negros e de proliferar a idéia de obediência aos seus preceitos morais e religiosos, assim como aos preceitos do Estado colonizador.

Passadas três décadas da chegada dos portugueses, marcadas pelo esforço de preservar as terras, a colonização começou a tomar forma. Como toda a América Latina, o Brasil viria a ser uma colônia de complementação à economia metropolitana. Essa diretriz serviu para os interesses de acumulação de riquezas na Metrópole nas mãos dos grandes comerciantes aliados ao trono português. Dessa forma, a opção pela grande propriedade assemelhou-se ao pressuposto da grande produção por mãos escravistas. Além disso, percebemos que foi possível aos pequenos proprietários de terras, autônomos, produzirem para sua subsistência.

Ao lado dessa grande empresa comercial latifundiária e monocultural, vemos um outro elemento fundamental: a escravidão. Sistema de trabalho compulsório dominante no Brasil até fins do século XIX. Mas, por que, para a Colônia era mais

---

<sup>1</sup>FAUSTO. Boris. História do Brasil. São Paulo – Campinas: Ed. Campinas 2003

viável utilizar mão-de-obra africana? Por que se recorreu a esse tipo de trabalho tão humilhante para os negros?

Múltiplas são as respostas! Mas, no entanto, percebemos que segundo a historiografia brasileira, que versa sobre as narrativas escravistas, consistem em dizer que pouco havia de oferta de trabalhadores em condições de trabalho e emigração, nem tão pouco o trabalho assalariado era conveniente para os fins da colonização. As razões à estas opção foram muitas, podemos citar a inconveniência da escravidão indígena conforme assevera Boris Fausto:

*Os índios tinham uma cultura incompatível com o trabalho intensivo e regular e mais ainda compulsório, como pretendido pelos europeu. Não eram vadios ou preguiçosos. Apenas faziam o necessário para garantir sua subsistência, o que não era difícil em época de peixes abundante, frutas e animais<sup>2</sup>.*

Foi de relevante importância a presença das ordens religiosas na expansão da fé católica e na proteção dos índios à escravidão imposta pelos portugueses nascendo a partir daí inúmeros atritos entre colonos e padres. Porém, estes também não tinham qualquer respeito com a cultura indígena. Para os religiosos como o Padre Manuel da Nóbrega, por exemplo, dizia que *"índios são cães em se comerem, e matarem, e são porcos nos vícios e na maneira de se tratarem"*<sup>3</sup>

Por outro lado, nem a Coroa nem a Igreja se opuseram à escravidão do negro. Ordens religiosas estiveram mesmo entre os grandes proprietários de terras e de cativos. Assim, são os discursos para justificar a escravidão negra. Dizia-se que se tratava de uma instituição já existente na África e assim transportava-se os cativos para todo o mundo cristão, onde seriam civilizados e salvos pelo conhecimento da verdadeira fé: Católica Romana.

Além disso, acreditava-se que o negro era racial e culturalmente inferior. No decorrer do século XIX, mesmo sendo um século que não está contemplado nesta pesquisa de monografia, é importante frisar que durante este século surgiram

<sup>2</sup> FAUSTO. Boris. Op Cit. pp. 49

<sup>3</sup> Padre Manuel da Nóbrega, nasceu em Minho, Portugal em 1517 e morreu em 1570, no Rio de Janeiro. Missionário Jesuita, chefou a primeira missão ao Brasil, em 1549, dedicando-se à catequese dos índios.

teorias científicas que contribuíram para reforçar o preconceito ao negro, como por exemplo, o tamanho e a forma do crânio.

A conquista das Américas pelos europeus, especificamente o Brasil pelos portugueses idealizada como uma terra de abundância na vida animal e de inúmeras riquezas, começou, paralelo às conquistas e empreendimentos comerciais, a articulação do mito do paraíso terrestre. Assim, segundo a perspectiva cristã dos colonizadores, a chegada ao novo mundo foi um acontecimento providencialista, ou seja, deveu-se por vontade de Deus e para o triunfo da civilização cristã.

Entretanto, para uma melhor compreensão da dimensão histórica da experiência religiosa, ou da expansão do cristianismo na América Latina, torna-se necessário mais uma volta ao tempo e ao espaço dos conquistadores católicos nas terras do novo mundo.

### **1.3. DESCOBRINDO RIQUEZAS NA TERRA E ENRIQUECENDO OS CÉUS, CONVERTENDO ALMAS**

A serviço da Coroa espanhola Cristóvão Colombo em busca de conquistar novas terras, em uma de suas viagens "descobre" a América, em 1492. Esse acontecimento foi realizado através de fortes violências territoriais possibilitando uma ampla dominação europeia e uma emergente identidade colonial religiosa nas terras da América.

Segundo Todorov<sup>4</sup> os relatos, as cartas e os diários escritos por Colombo, deixam à princípio a impressão de que seu principal desejo era de enriquecer, até porque em seu diário ele descreve que estava muito próximo da "fonte do ouro". Mas não era apenas uma mera ambição e cobiça material que levou Colombo a viajar; estudos apontam que a promessa de encontrar ouro e prata era apenas para tranquilizar os marinheiros e os tripulantes, para que esses mantivessem viva a esperança de enriquecer. No entanto, não era apenas os marinheiros que esperavam enriquecer, mas principalmente os reis da Espanha, pois, estes não teriam se

---

<sup>4</sup> TODOROV, Tzvetan. A conquista da América - A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1993, pp. 09

envolvido nessa aventura se não fosse a promessa de lucro fácil. O ouro e a prata eram, para Colombo, apenas uma representação de valor material. O

Outro valor era a fé católica. A vitória do cristianismo era um grande estímulo às viagens marítimas para a América, até de valor mais importante que os bens materiais.

*(...)O ouro é um valo humano demais para interessar a Colombo, devemos acreditar nisso quando ele escreve no diário da terceira viagem: 'Nosso Senhor bem sabe que eu não suporto todas essas penas para acumular tesouros nem para descobri-los para mim; pois quanto a mim, bem sei que tudo o que se faz neste mundo é vão, se não tiver sido feito para a honra e o serviço de Deus.'*<sup>5</sup>

De acordo com os escritos de Colombo podemos fazer uma ampla reflexão das experiências de conquistas materiais e religiosas nos séculos XVI e XVIII, levando a compreender um espaço de convívios de cristãos e não-cristão na América.

A importância do horizonte histórico, neste capítulo, possibilitou uma interpretação da experiência religiosa na colonização da América, especialmente o Brasil, uma vez que não acontece numa dimensão atemporal, mas inserida dentro de contextos históricos e sociais. Assim, essa experiência do sagrado e do religioso, vivenciada por Colombo e tantos outros conquistadores, partiram do próprio fundador do Cristianismo, Jesus, que se espalhou no meio do povo, transformando-se numa narrativa fantástica carregada de relatos sobre a vida de forma sobrenatural através da qual buscou dar explicação a própria realidade da época.

O mito fundador do paraíso terrestre, do jardim perfeito, estabelece um vínculo com o passado e o presente através dos símbolos e emblemas. Isto acontece porque o homem é um sujeito de signos significantes que realizam a mediação e o equilíbrio entre o mundo visível, funcional, material e terreno e o mundo invisível e sobrenatural, ou seja, entre o vivenciado e o imaginado.

Durante as leituras referentes ao processo de colonização brasileira, as histórias apresentam a existência do fenômeno religioso como um dos grandes

---

<sup>5</sup> TODOROV, Tzvetan. A conquista da América. Idem Ibidem, pp 09

signos, algo que se encontra no imaginário comum de todos os povos, de todos os tempos e lugares. A religião, como significado da vida e do mundo, se apresenta como algo inserido no contexto histórico em que o seu sentido versa sobre o mundo cobiçado e sobrenatural. Assim é que muitas pessoas vêem na religião um corpo de verdade que determina o seu agir e o seu lugar no mundo.

E mais... O sentido e a dimensão histórica da experiência religiosa consistem, especificamente, numa possível compatibilidade entre o concreto e o imaginário. Uma vez que é sempre válido salientar que a conciliação entre o profano e o sagrado, entre o temporal e atemporal, entre o homens de cobiça e homens de fé, torna-se difícil ainda hoje, como foi para os conquistadores. O cuidado a essas leituras são extremo, pois corremos o risco, de um lado, a interpretação limitada da fé, com a imposição de uma estrutura polítio-cultural que se transforma em verdades absolutas, como fizeram os portugueses e espanhóis; de outro lado, a ausência do sagrado pode ser responsável pelo caráter dramático da desesperança nesse início de terceiro milênio.

#### **1.4. AS IDENTIDADES RELIGIOSAS NA COLÔNIA**

Existem vários estudos referentes a origem da identidade colonial. Estudos estes que nos levam a compreender o sentido do projeto colonizador que esteve sempre vinculado às estruturas das duas metrópoles europeias: Portugal e Espanha. Contudo, se o projeto colonizador pretendia manter nas colônias da América os suportes sócios jurídicos e culturais da Metrópole, também havia a necessidade da criação de uma estrutura própria, em razão da diversidade de situações o que impunha um maior controle do poder central sobre as colônias, em razão do interesse político e econômico espoliativo, já que a principal função da colonização era aumentar os domínios da Coroa portuguesa e promover nas Metrópoles as riquezas existentes nas terras conquistadas.

Assim, para inserção e conservação do domínio colonial na América Latina, além da estrutura político-jurídica, a Metrópole contou com um suporte indispensável, algo “inatingível” e que esta na raiz da experiência existencial do

próprio homem: o fenômeno religioso.

A expansão da cultura religiosa europeia provocada pelo ardor missionário, principalmente dos Jesuítas, se constituiu como uma ferramenta vantajosa aos interesses da Metrópole. Mesmo porque, o entrelaçamento das relações entre Catolicismo e Coroa portuguesa e espanhola possibilitou às instituições estatais um caráter de solidez e legitimidade. A unidade da Igreja significava uma espécie de bússola segura para a unidade dos reinos e do padrão cultural de colonização.

Dentro da perspectiva histórica do século XVI até início do século XVIII, percebemos uma clara dilatação das fronteiras do catolicismo com sua implantação nas terras conquistadas, como também oferecia a certeza da reprodução de um comportamento útil à metrópole, uma vez que os missionários permaneciam diretamente vinculados à Coroa pelo sistema de padroado.<sup>6</sup>

Conforme assevera o historiador José Magno Vilela:

*Segundo este sistema, nenhum clérigo podia partir para as missões sem autorização explícita ao rei. Os que recebiam a permissão para partir eram obrigados a jurar fidelidade ao soberano durante a audiência que lhes concedia. Os futuros missionários eram obrigados a reunir-se em Lisboa antes de partir, e para sua viagem deveriam utilizar exclusivamente navios portugueses. Os missionários estrangeiros estavam submetidos às mesmas formalidades; mas a permissão de viagem lhes era concedida com maior parcimônia.<sup>7</sup>*

Quanto a “imposição” da cultura religiosa, encontramos uma identidade religiosa lusitana e espanhola de além-mar que servia aos interesses das Coroas, a ponto de não existir uma fronteira muito clara entre o poder temporal do Estado e o poder espiritual da Igreja, que em alguns momentos se confundiam.

---

<sup>6</sup> HOORNART, Eduardo. A Igreja no Brasil colônia (1550-1800). São Paulo: Editora Brasiliens, 1982, pp.12 O direito de Padroado foi cedido pelo papa ao rei português com a incumbência de promover a organização da Igreja nas terras “descobertas” de sorte que foi por intermédio deste padroado que a expansão do catolicismo no Brasil foi financiada. O padroado foi o mecanismo mais importante de controle das ordens religiosas no Brasil.

<sup>7</sup> VILELA, Magno José. Roma e as Práticas Missionárias no Novo Mundo. São Paulo: ECB, 1976, pp. 412

além de atenderem as necessidades espirituais dos colonizadores se embrenhavam nas florestas para trazerem aos pagãos a "verdadeira" fé (Católica). Essa ideia de uma única religião e de uma única Igreja verdadeira acompanhou o catolicismo até os tempos contemporâneos e na idade Média já havia obrigado, compulsoriamente, os judeus que habitavam os reinos de Portugal e da Espanha a se converterem ao catolicismo, transformando-os em cristãos-novos.

Esse processo de evangelização dos índios americanos e mais tarde dos escravos negros, foi uma das maiores espoliações culturais que se tem notícia na história da humanidade. Pois significou não apenas a privação dos valores que se sedimentaram ao longo do tempo, mas também uma maneira de engendrar o pensar, o sentir e o agir de gerações e gerações.

Quando os espanhóis chegaram na América, no Caribe, os índios os receberam com presentes, com a "inocência" de amigos, mas os espanhóis se apresentaram implacáveis, caçavam, aprisionavam e queimavam nas fogueiras aqueles que não queriam se submeter aos seus mandos. Os maiores massacres foram perpetrados no México e no Peru. Os conquistadores espanhóis usavam o nome da igreja para despojar os índios de suas terras. Era lido um documento em latim justificando a necessidade de passar as terras aos novos donos, explicando que os verdadeiros donos de todas as terras era a Igreja Católica. Caso houvesse resistência por parte dos índios eram todos massacrados.

Diz Bartolomé de Las Casas, um homem que depois de conhecer de perto o sofrimento e o extermínio dos habitantes do Novo Mundo, tendo inclusive sendo cúmplice dos espanhóis no Caribe, decide lutar contra a escravidão dos índios, a opressão e o genocídio:

*Os espanhóis, com seus cavalos, espadas e lanças começaram a praticar crueldades estranhas; entravam nas vilas, burgos e aldeias, não poupando nem as crianças e os homens velhos, nem as mulheres grávidas e parturientes e lhes abriam o ventre e faziam em pedaços como se estivessem golpeando cordeiros fechados em seu redil. Faziam apostas obre quem, de um só golpe de espada fenderia abriria um homem pela metade, ou quem mais*

*habilmente e, mais destramente e um só golpe lhe cortaria a cabeça, ou ainda sobre quem abriria melhor as entranhas de um homem de um só golpe.*<sup>8</sup>

O processo de colonização portuguesa não se apresentou de forma tão violenta como os massacres ocorridos nas terras espanholas do Novo Mundo. No Brasil, a catequese dos índios ficou por conta dos jesuítas, que se apresentam mais hábeis em conciliar os interesses políticos da coroa com a conversão dos pagãos, mantendo-os pacíficos nas aldeias, sob maciço processo de catequização. É óbvio, que esse processo forçado de evangelização, muito mais em terras espanholas, desenvolvido pelos franciscanos e dominicanos, causou sequelas permanentes, ainda hoje; o negro e o índio são excluídos da sociedade, se mostram arredios e desconfiados, muitos deles possuem uma religiosidade católica superficial e nunca abandonaram os seus antigos ritos e costumes religiosos, esses, subjazem mesclados com o culto católico.

Isso prova, inarredavelmente, que não é com as armas que se mata uma idéia. Não é exterminando, massacrando comunidades inteiras que se impõe a lei do colonizador. Uma idéia pode ser modificada com outra idéia, dependendo da situação. Contudo, a cultura e a religião do conquistador não foram suficientemente fortes, capazes de suplantar os costumes e tradições tribais. Após séculos de dominação, elas sempre se fizeram presentes e se perpetuaram. Na verdade nunca morreram, permaneceram ocultas ou camufladas.

Portanto, nenhuma forma de aculturação é mais violenta que o processo de catequização forçada. O processo ético-religioso lida com as categorias do inconsciente, com um enigma profundo que ultrapassa a nossa compreensão racional e estabelece uma nova estrutura conceitual da realidade, um novo filtro pelo qual vemos o mundo. Se bem sucedida a aculturação forçada, gera autómatos, sem memória cultural, sem consciência crítica e sem vontade própria; se mal conduzida propicia a revolta e manifestações sociais.

---

<sup>8</sup> BRUIT, Hector. Bartolomé de Las Casas e a simulação dos índio. Campinas São Paulo. Coleção Melhoramentos, 1995. pp 08

Depois desse maciço processo de evangelização e dominação colonial, a pergunta que ainda hoje aflora à nossa consciência é, quem somos nós, latino-americanos?

*Não somos europeus, não somos índios, mas sim uma espécie intermédia entre os aborígenes e os espanhóis. Americanos por nascimento e europeus por direito, nos encontramos em meio ao conflito de disputar os títulos de propriedade aos nativos e manter-nos no país que nos viu nascer, contra a oposição dos invasores. De maneira que o nosso caso é extremamente extraordinário e complicado.(...) "Estamos colocados num grau inferior ao da servidão ". "Mantenhamos presente que o nosso povo não é nem europeu, nem americano do norte, é antes uma composição de África e América, do que uma emanção da Europa... é impossível determinar com propriedade a que família humana pertencemos.<sup>9</sup>*

Foram vários séculos de dominação etnocêntrica. Herdamos dos conquistadores a língua, os costumes, as instituições e a religião. Os conquistadores trouxeram para o novo continente a cruz e a espada, a cruz justificava a espada e a espada protegia a cruz.

Essa aliança entre a cruz e a espada foi responsável pela exploração, dominação. De modo diferente da América do Norte, povoada por puritanos e outros grupos étnico-religiosos, que não encontravam na metrópole as condições para a livre manifestação de suas crenças; na América Latina, o colonizador imprimiu o seu padrão religioso.

As práticas religiosas dos índios e dos escravos negros eram consideradas pelo conquistador como demoníacas. Os índios e os negros eram considerados pela igreja como canibais, polígamos e idólatras. E apesar de toda a vigilância, perseguições e conversões muitas vezes forçadas, apesar do embate com o catolicismo, as tradições religiosas dos indígenas e africanos permaneceram, não na sua pureza original, mas no espaço do sincretismo religioso, conforme veremos no próximo capítulo.

---

<sup>9</sup> ASSMANN, Hugo (Org). Filosofia da Libertação, Mimeo, UNIMEP, Piracicaba, jun/1982. pp. 13

Historicamente, não há como justificar o descaso e a conivência da Igreja com a dominação e a escravidão dos índios e negros. Hoje, a Igreja fala em "metanóia", como o único caminho possível de reconciliação. Por ocasião dos 500 anos de evangelização e colonização, o Episcopado Latino-Americano, reunido em Santo Domingos, Espanha, em 19 de outubro de 1992, procurou resgatar esse passado de genocídio e escravidão cultural, com as chamadas "Diretrizes de Santo Domingos":

*- Pedimos perdão aos povos indígenas e aos negros 'americanos', pelas vezes que não soubemos reconhecer a presença de Deus em suas culturas;*

*- Pedimos perdão pelas vezes que confundimos evangelização com imposição da cultura ocidental;*

*- Pedimos perdão pela tolerância ou participação na destruição das culturas indígenas e africanas;*

*- Pedimos perdão aos negros americanos pelas vezes que nos servimos do Evangelho para justificar sua escravidão;*

*- Pedimos perdão pelas vezes que nos beneficiamos desta escravidão nos conventos, paróquias ou cúrias.*

Os reflexos dessa evangelização, ainda permanecem na América Latina. A nossa religiosidade multifacetada é uma prova destes reflexos, e isto torna-se algo bastante compreensível tendo em vista que somos o resultado de vários povos e de diferentes culturas. Adotamos os valores culturais e religiosos dos conquistadores, mas não apenas deste, dos índios e negros também, que contribuíram direto ou indiretamente na formação de nossa religiosidade. Mas deve ficar claro que o poder da Igreja e do Estado não foi absoluto devemos ver este poder de forma relativa, pois se houve subversões por parte dos colonizadores, é porque esse poder não foi capaz de suplantando a cultura dos colonizados, estes procuraram o tempo todo manter viva a sua cultura, suas crenças muitas vezes de forma camuflada. Dessa forma procurarei apontar como se deu a aculturação religiosa, sem esquecer que a resposta a essa questão não é única, nem inteiramente clara, pois além do segredo que existe na

consciência de cada indivíduo que se diz religioso, a própria religião evolui com o tempo, escapando a uma avaliação exata.

Portanto a história das religiosidades foi a história das práticas e das doutrinas que permearam muitas das relações sociais no Brasil Colonial. Formada de uma mescla de gestos devocionais, de referências ao bem e ao mal, de componentes mágicos e milagrosos ou de aceitação do culto oficial, a história das formas de religiosidade aqui praticadas é parte fundamental de nossa cultura, que ainda hoje se faz presente no cotidiano de muitos brasileiros, que se apegam a alguma forma de crença que num, mundo imaginário podem expressar a angústia de homens e mulheres que aspiram a uma existência melhor.

## CAPÍTULO II

*Traços católicos, negros, indígenas e judaicos misturaram-se, pois na Colônia, tecendo uma religião sincrética e especificamente colonial.*

*Laura de Mello e Souza.*

### 2.1. O DIABO E A TERRA DE SANTA CRUZ: UM BREVE COMENTÁRIO

O Diabo e a terra de Santa Cruz (1986), de Laura de Mello e Souza, é uma obra importante para a historiografia brasileira e mais especificamente para a compreensão da religiosidade no Brasil Colonial. Há vinte anos esta obra foi publicada, a distância temporal que nos separa da primeira edição do livro não invalida nosso ato de debruçar olhares sobre ele, tendo em vista que a crítica historiográfica é consensual em afirmar seu pioneirismo em termos de uso da história das mentalidades enquanto opção teórica metodológica no Brasil. Acredito que por mais que tenham sido feitas análises sobre a obra de Laura, aqui citada, ainda podem ser vistas como incompletas, ao passo que nenhuma temática se esgota com apenas uma análise.

A obra de Laura aqui analisada é fruto do doutoramento em história social obtido na Universidade de São Paulo. Em 1986, O Diabo procura investigar determinadas nuances da história do Brasil, suas especificidades que estão fortemente relacionadas à metrópole. O objeto de estudo da autora e a escolha do mesmo, “A feitiçaria e as praticas mágicas”, encontram-se de forma nítida na introdução e no transcorrer das paginas da obra. Esta obra de Laura é o primeiro estudo realizado no Brasil sobre a feitiçaria nos tempos coloniais. É também um dos primeiros livros editados entre nós dentro da corrente da **História das mentalidades e do Imaginário**. Uma verdadeira arqueologia da religiosidade popular, com base em cronistas da época, devassas eclesiásticas e processos da Inquisição, em uma linguagem que possui rigor literário e científico. Laura rastrea em sua obra antigas práticas e personagens (através da nossa herança cultural européia, indígena e africana) que ainda hoje se fazem presentes na nossa crença e nas práticas cotidianas.

Em o Diabo, Laura de Mello e Souza, valeu-se de relatos deixados por cronistas, viajantes e missionários, os quais descreviam as terras achadas pelo Ocidente entre o final

do século VX e início do século VXI. Como por exemplo as obras de Frei Vicente do Salvador, Frei Jaboatão, Andre Thevet, Jean de Lery, Pero de Magalhães Gândavo, Fernão Cardim, Sebastião da Rocha Pita, Ambrosio Fernandes Bandão, Gabriel Soares de Souza, Gaspar Barléu e Antonil, sem sermões se fazem presentes no corpa textual no qual Laura partiu para tecer suas considerações. Na Carta de Pero Vaz de Caminha, escrita em 1º de maio de 1500 e dirigida ao rei de Portugal, podemos observar que esta parece mais uma reprodução ou recriação de textos bíblicos do Gênesis, nesta os indígenas são comparados a Adão e Eva, as terras “descobertas”, são comparadas ao Jardim do Éden pela sua beleza e riqueza natural, de fauna e de flora. A carta sugere que se o rei de Portugal quer acrescentar estes a fê católica, deve então cuidar da salvação destes.

Tais notícias, abalaram os que se consideravam verdadeiros cristãos, estes sentiram-se abalados com as noticias chegadas da Europa sobre os costumes dos nativos, que não mais eram vistos com inocência e simplicidade, mas como seres grotescos com predisposição natural à luxúria e ao canibalismo. Sendo assim o paraíso tropical oscilava entre o bem e o mal, o céu e o inferno. Laura de Mello e Souza mostrou em seus estudos referente a obra aqui analisada, como os relatos ocidentais fariam com que o imaginário do velho mundo oscilasse, nos primeiros séculos de colonização, entre considerar as novas terras como céu ou inferno.

O Brasil colônia portuguesa, nascia sob o signo do Demo e das projeções imaginarias do homem ocidental. Mas o domínio infernal não era a única possibilidade, neste trecho de Frei Vicente. O primeiro movimento – o de Pedro Álvares – se fez no sentido do Céu, a este acoplar-se-ia a colônia, não fossem os esforços bem sucedidos de Lúcifer, pondo tudo a perder.<sup>1</sup>

Ao passo que o sistema colonial ia se complexificando na colônia portuguesa, índios, negros e posteriormente colonos se identificariam com as imagens edênicas ou demoníacas oriundas dos discursos dos viajantes e exploradores, influenciados pelas idéias religiosas da época. Para Laura tais construções imagéticas não devem ser dissociadas do contexto global do fim da Idade Média e início da época Moderna, para

<sup>1</sup>SOUZA, Laura de Mello. O diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Cia. das Letras, 2002. pp. 28

ela a visão paradisíaca foi neste momento histórico instrumentalizado pelas camadas dirigentes, convertendo-se em elemento importante da ideologia colonizadora.

É interessante perceber que o Diabo foi escrito na metade dos anos 80 do século XX, época em que grandes transformações se processavam no cenário brasileiro. Nesse momento da história, os intelectuais brasileiros também começaram a emergir na abertura das ciências e das letras a novas abordagens. As ciências humanas e sociais em particular, viam-se inundadas pelas influências da Terceira geração da Escola dos Annales, de origem francesa, cujo maior emblema era a história das mentalidades. Diferentemente da primeira e segunda Geração dos Annales, que existiram sob o apanágio de Lucien Febvre e Marc Bloch (a primeira) e depois Fernand Braudel (a segunda), a terceira geração ou fase se caracterizava pela fragmentação intelectual e mesmo institucional. A ênfase agora recaía nos temas ligados ao cotidiano e as representações: o amor, a morte, família, infância, bruxaria, loucura, mulher, homossexualidade, corpo, vestuário, lágrimas e alimentação, o dia-a-dia destes se tornava alvo dos estudos historiográficos.

Tendo em vista a riqueza da obra de Laura, posso dizer que esta é muito importante para a historiografia brasileira, pois suas contribuições e seus avanços em termos de pesquisa é algo inegável. Laura mergulha no universo religioso dos colonizadores e dos colonizados, procurando perceber suas vivências e convivências religiosas nas Terras Brasília, seus sonhos, ambições, conquistas e derrotas. A autora nos mostra a especificidade e a riqueza do sincretismo religioso que tomou conta do Brasil colonial.

## **2.2. RELIGIÃO OFICIAL: COMO VIVIAM OS QUE SE CONSIDERAVAM VERDADEIROS CATÓLICOS?**

A vivência religiosa e as múltiplas formas de religiosidade no Brasil colonial tem sido objeto de inúmeros estudos e debates, os quais buscam analisar documentos antigos, como por exemplo, os Processos Inquisitoriais, os quais mostram as práticas mágicas e de feitiçaria daqueles que, na busca de manter viva suas crenças, diziam ser católicos, mas de forma camuflada ou até

explícita vivenciavam a sua religiosidade de origem, seja ela ameríndia ou africana.

Com base nos estudos já realizados procurei resignificar a história da vivência religiosa multifacetada no Brasil colonial, buscando compreender suas especificidades e para isso, tornando-se necessário compreender a convivência e a interpenetração de populações de várias procedências e credos diversos.

No século XVI, a feitiçaria e as práticas mágicas demonstravam traços europeus e indígenas, mas raramente africanos; mesmo porque o tráfico negreiro apenas se iniciava. Mas com o passar dos anos, começa a surgir uma ligação em relação a esses traços, os quais passaram a formar um só corpo de crenças sincréticas. A partir dos séculos XVII e XVIII, com o desenvolvimento do processo de colonização brasileira, pode ser observada uma maior interpenetração entre religiosidade europeia, africana e ameríndia. Foi esta interpenetração que deu uma característica própria para a religiosidade colonial; foi a mistura das espiritualidades diversas (portuguesa, indígena e africana) que deu um caráter específico e multifacetado a nossa religiosidade.

Na colônia portuguesa, o verdadeiro católico era aquele que seguia todas as regras impostas pela religião "oficial". Era obrigação do legítimo católico fazer sempre orações, ir as missas, cumprir com os mandamentos da Lei de Deus, enfim cumprir todas as normas impostas pelo Catolicismo. O bom cristão, o catolicismo, deveria também estar cercado de símbolos que lembrassem o Reino dos Céus, é por isso que em praticamente todas as casas coloniais os símbolos da fé cristã faziam-se presentes, como por exemplo, quadros de santos de maior devoção dos donos da morada, oratórios, imagens de santos (as quais se faziam presentes também nos "quartos dos santos" existentes nas casas dos indivíduos considerados mais abastados), terços, crucifixos, entre outros objetos que lembravam o Reino dos Céus.

Os indivíduos que tinham uma melhor condição financeira na colônia, construíam próximo à casa-grande do engenho de açúcar, uma capela, onde um sacerdote prestava assistência religiosa aos senhores e a escravaria.

Quanto aos lugares privados para o prazer pode-se dizer que estes eram escassos na colônia. A rusticidade dos domicílios, conforme já foi lembrado, não

permitia muita intimidade entre as pessoas, o que fazia com que alcovas fossem improvisadas em tabernas e lojas, na densa vegetação do mundo rural, ou nas próprias igrejas e capelas. A igreja, aliás, era o espaço de sociabilidade por excelência no mundo colonial, e não foram poucos, segundo Ronaldo Vainfas, os encontros amorosos ocorridos durante as missas dominicanas, procissões e festas religiosas.<sup>2</sup>

O mesmo acontecia nas casas de recolhimento e nos poucos conventos estabelecidos na América Portuguesa. Inclusive, Vainfas argumenta que a representação, nas falas populares, de um Cristo com órgão fático, ou uma Nossa Senhora personificada em uma mulher comum, indicam a necessidade, ou vontade, dessas pessoas em aproximar o sagrado do cotidiano, da vida real. Para Vainfas, portanto, tais fatos não indicam perversão ou desejo de subverter a doutrina e os símbolos católicos, antes, representam a mistura entre o sagrado e o profano, marca indelével da mentalidade popular religiosa no Brasil Colonial.

Quando pensamos em religiosidade católica no Brasil quinhentista, logo nos vem a mente a idéia de dor e sofrimento causados pela mesma, porém acredito que é extremamente importante tentarmos perceber também o lado positivo e "alegre" da religiosidade, um dos exemplos desse lado "alegre" eram as missas e procissões do século XVI, que significavam para os colonos não apenas momentos de evangelização, mais também momentos de lazer onde portugueses, índios e escravos se faziam presentes ao som de instrumentos musicais como berimbaus e taquaras. Talvez para os colonos mais pobres e para os escravos, a festa religiosa fosse muito importante, já que estas expressavam o sincretismo religioso presente na colônia. Era nos festejos religiosos que os ritmos profanos e marciais se mesclavam às alegorias mitológicas, à sonoridade de instrumentos africanos e à interpretação de peças sacras. Uma variedade de sons se misturavam, enquanto os fieis acompanhavam as procissões, levando os estandartes e as imagens religiosas.

Segundo Mary Del Priore, uma das mais belas festas religiosas era a do Triunfo Eucarístico, realizada em Vila Rica, Minas Gerais, em 24 de maio de 1733. Essa era uma festa muito importante para os colonos, que participavam euforicamente, dançando ao som das músicas suas várias danças (dos mouros,

<sup>2</sup>VAINFAS, Ronaldo. *Moralidades Brasilicas: deleites sexuais e linguagens eróticas na sociedade escravista*. In: Laura de Mello e Souza (Org.). *Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. Coleção História da Vida Privada no Brasil. São Paulo. Cia das Letras.

cristãos, pagãos e romeiros). Encenações eram feitas no percurso da procissão, os instrumentos musicais davam um colorido todo especial a festa e os fieis eufóricos louvavam e desfilavam pelas vilas.

Pode-se então observar que para os escravos este dia de festa era muito importante, pois significava um dia de libertação, eles deixavam as senzalas para irem as ruas participar da festa. Esse dia acabava por demonstrar o quanto era atroz à vida no cativeiro, sendo assim este dia representava uma "vitória" contra a escravidão que sufocava os negros.

Muitos senhores procuravam ignorar as datas religiosas festivas (as quais permitiam ao negro aiviar-se do sofrimento do cativeiro), mantendo assim seus escravos presos ao trabalho dia-a-dia. Para esses senhores só deveriam "desfrutar" destes dias "feriados" (dias santos) os livres e forros, os escravos não deveriam ter esse direito. Diante da atitude desses senhores é que alguns padres, como o jesuíta Jorge Benesse, no século XVIII, denunciaram a tentativa dos senhores de ignorar os mínimos momentos de lazer dos seus escravos nos dias santificados; os padres diziam que, os senhores não deveriam deixar os escravos trabalhando nos dias santos e se insistissem em fazer isto, estariam pecando contra a Justiça e a Religião.

*Procissões, festas ou quaisquer outros momentos de lazer na colônia acabaram por revelar o quanto era duro o cativeiro para os escravos e difícil o cotidiano para os colonos pobres, A alegria que irrompia de maneira impetuosa e descontrolada, nesses momentos revelava a necessidade que esses grupos sentiam de encontrar formas de expressar sua cultura e o estado de opressão em que viviam.<sup>3</sup>*

Era assim cheios de rituais, símbolos e algumas vezes de euforia a vivência religiosa no Brasil colonial. Na colônia muitos se consideravam verdadeiros católicos e almejavam ganhar na outra vida o tão sonhado reino dos céus. Mas nem todos os colonos eram católicos autênticos e fervorosos, tinham os que se demonstravam hostis à religião "oficial" e que muitas vezes cumpriam apenas os ritos e deveres religiosos obrigatórios, mais como encenação social do que com convicção interior. Existiam os cristãos que sendo balizados e tendo recebido

---

<sup>3</sup> PRIORE, Mary Del. Religião e religiosidade no Brasil Colonial. São Paulo: Ática, 1994. PP. 46.

todos os sacramentos, nem sabiam as orações (como o Pai Nosso) e não seguiam as regras dos mandamentos da lei de Deus (Dez Mandamentos), praticavam alguns dos ritos impostos e controlados pelo catolicismo, para assim evitar a repressão inquisitorial, mas que mantinham secretamente crenças heterodoxas.

### 2.3. TRIBUNAL DO SANTO OFÍCIO: PERSEGUIÇÃO E PUNIÇÃO

A religiosidade popular, por sua vez, frouxa, e em muito misturada com ritos e costumes pagãos, necessitava segundo a Igreja Católica, ser refreada e moldada. É nessa atmosfera, que a Inquisição passa a se preocupar com os comportamentos, particularmente, principalmente os que de alguma forma infligiam os santos mandamentos (e por que não dizer as convenções sociais), e que portanto configuravam erros de fé.

O Tribunal do Santo Ofício ou Tribunal da Inquisição, era na realidade um instrumento mais político-econômico do que religioso, destinado a punir os que não seguissem as normas impostas pela Igreja Católica. Este tribunal perseguia principalmente os cristãos-novos e os adeptos das religiões tribais ou de feitiçarias de inspiração europeia. Para não caírem nas "mãos" deste tribunal, muitos fingiam ter absorvido verdadeiramente a fé católica, quando na calada da noite, de portas fechadas continuavam a praticar as tradições sincréticas herdadas de seus antepassados hebreus. Vários detalhes podiam revelar ao visitador do Santo Ofício, o cristianismo aparente de uso apenas social de muitos dos cristãos novos, como por exemplo recusar-se a comer carne de porco, não ir a missa aos domingos, vestir roupas limpas aos sábados, varrer a casa da porta para dentro, comer em mesa baixa, em sinal de luto, eram algumas provas de criptojudaísmo (práticas judaicas clandestinas).

Os inquisidores visitavam as cidades, tendo como objetivo combater as heresias e zelar pela fé católica. Ao chegarem nas cidades os inquisidores liam nas praças e Igrejas os Éditos de fé, os quais mostravam todas as faltas que os inquisidores tinham por tarefa vigiar. E sendo assim as pessoas se apresentavam ao Tribunal para confessar seus pecados, como também para fazer denúncias.

*As matérias da confissão eram basicamente o crime de heresia, cometido a sós, em família ou em público; a crença ou a prática do judaísmo, maometismo, luteranismo; a bigamia, a sodomia, a bestialidade; as feitiçarias, as superstições, os cultos ao diabo, as adivinhações, a leitura e a posse de livros proibidos pelo Santo Ofício.<sup>4</sup>*

De acordo com os pecados cometidos por cada indivíduo e com a gravidade dos mesmos, o indivíduo recebia penitências leves como assistir a missa em pé segurando uma veia acesa, ou punições maiores como trabalhos forçados nas embarcações e até execução na togueira.

O Tribunal do Santo Ofício foi responsável por grande parte do sofrimento, temores e perseguições de muitos no Brasil colonial, de norte a sul, temia-se a ação dos funcionários do Santo Ofício, mas a ira contra a Inquisição não se dava só devido o temor causado por suas práticas abomináveis, também era reflexo do desagrado popular contra a religião oficial. Na opinião de muitos colonos, os padres mentiam, pregavam uma religião que não dizia respeito aos anseios populares. Talvez a vida árdua, dura na colônia também despertasse descrédito e amargura nos colonos, levando-os a se afastar da religião oficial e a procurar outras formas de religiosidade. Quem sabe se por trás desse descrédito e da procura de outras formas de religiosidade não estava o desejo de humanizar Deus e torná-lo mais próximo.

#### **2.4. SECRETISMO E RELIGIOSIDADE COLONIAL**

Os cultos africanos chegavam ao Brasil mais ou menos mesclados. Como também, mesclados chegavam os demais ~~tr~~acos culturais negros. Mesclados pela aproximação de estoques culturais diversos na própria África. A aproximação íntima

---

<sup>4</sup> NOVINSKY, Anita Waingort. O Santo Ofício da Inquisição em Portugal. In: A Inquisição. São Paulo: Brasiliense. 1991, PP. 37

vivenciada pelos negros africanos nos porões dos navios negreiros, nas viagens da África para o Brasil acabavam por dar continuidade a esta mistura, pois os negros de procedências varias encontravam-se unidos pelo sofrimento comum, arrancados violentamente de sua terra, como se fossem animais, eram jogados no fundo dos porões dos navios sem luz e sem ar e expostos a doenças de carências, pela falta de alimentação suficiente e adequada.

Esses africanos uniam-se pelo sentimento de dúvida e de medo diante da crueldade e do desconhecido. Os negros eram tratados como mercadorias, sem o direito de querer, escolher, optar. A aproximação causou um maior entrelaçamento entre os próprios negros e também entre negros e os colonos.

O africano já trazia a seita religiosa de sua terra; aqui era obrigado, por Lei, a adotar a religião católica. Habitado naquela e obrigado por esta, ficou com as duas crenças. Encontrou no Brasil a superstição, consequência fatal aos povos em sua infância. Fácil lhe foi aceitar para cada moléstia ou ato da vida um santo protetor. A religião vivida pelos escravos negros no Brasil tornou-se assim diferente das de seus antepassados, até porque todos os escravos não vinham de um mesmo local. Iombas, Nagôs, Geges, Males e outros contribuíam de forma particular, incorporando-as de acordo com as necessidades e novas realidades. A religiosidade africana acabou por se misturar também com o catolicismo de origem europeia.

Muitos podem pensar que a frequência da feitiçaria e da magia entre nós é um traço de origem exclusivamente africana. Mas o primeiro volume de documentos relativos às atividades do Santo Ofício no Brasil registra vários casos de bruxas portuguesas. As práticas das bruxas portuguesas podem ter recebido influencia africana, mas em essência, foram expressões do satanismo europeu, o qual podemos perceber ainda hoje entre nós, misturada a feitiçaria africana ou indígena. Mas não se pode negar que o grosso das crenças e práticas da magia que se desenvolveu no Brasil foram coloridos pelo intenso misticismo negro. A feitiçaria colonial lança luz sobre a vida da colônia nos seus três séculos de existência. Podemos até dizer que foi uma das formas de ajuste do colono ao meio em que o cercava.

No livro "O diabo e a terra de Santa Cruz" de Laura de Mello e Souza, na segunda parte, a autora escreve sobre *Feitiçarias, práticas mágicas e vida cotidiana*; para escrever sobre tais práticas a autora pesquisou documentações que consiste nas denúncias e confissões das visitas do Santo Ofício de Lisboa à Bahia, Pernambuco e Pará nas devassas gerais executadas nas Minas ao longo do século XVIII.

Pode-se observar através dos relatos sobre tais documentos que no início do século XVIII, as práticas mágicas sincréticas se achavam arraigadas na vida cotidiana das populações coloniais, eram muitos os que procuravam os curandeiros e feiticeiros para resolver questões amorosas, problemas de doenças, atritos familiares ou com vizinhos. Para resolver tais problemas usava-se soluções mágicas que variavam da magia invocativa de cunho mais acenüadamente europeu ao curandeirismo corrente entre os africanos.

Buscava-se através das práticas mágicas preservar a integridade física ou provocar malefícios aos inimigos. As práticas mágicas visavam agredir ou preservar o outro, tinha dupla função ofensiva e defensiva. Muitas vezes tais práticas estavam voltadas para a tensão, existente entre senhores e escravos. Quando os escravos usavam as práticas mágicas e de feitiçaria, não significava apenas uma maneira de manter viva sua religiosidade de origem, mas expressava também uma necessidade na formação social escravista, pois tais práticas não apenas dava armas aos escravos para moverem uma luta surda contra os senhores, como também legitimava a repressão e a violência exercida sobre os escravos. Segundo Laura de Melo:

*[...] escravos podiam ser legitimamente castigados também porque eram feiticeiros. Enxerga-lo como feiticeiros, por sua vez, foi uma das manifestações da paranóia da camada senhorial na colônia.<sup>5</sup>*

Pode-se observar que esta relação entre feitiçaria e castigos aparece já nos primeiros tempos da colonização. Os senhores buscavam se proteger ante o potencial mágico dos escravos e estes buscavam através dos feitiços vingar-se ou proteger-se contra os maus-tratos. Mas nem sempre as práticas mágicas se

---

<sup>5</sup>SOUZA, Laura de Mello. O diabo e a terra de Santa Cruz. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

referiam a estas tensões, valias destas práticas refletiam inimizades pessoais e conflitos entre vizinhos.

Pode-se observar que esta relação entre feitiçaria e castigos aparece já nos primeiros tempos da colonização. Os senhores buscavam se proteger ante o poderio mágico dos escravos e estes buscavam através dos feitiços vingar-se ou proteger-se contra os maus-tratos. É válido salientar que as práticas mágicas nem sempre se referiam a esta tensão, várias destas práticas refletiam inimizades pessoais e conflitos entre vizinhos.

Portanto, as práticas mágicas e de feitiçaria se faziam presentes na vida cotidiana de muitos dos colonos, a demonização do homem colonial expandiu-se da figura do índio, para a do escravo, ganhando assim os demais colonos. Mas as autoridades coloniais e a Igreja através da ação do Santo Ofício somaram esforços com objetivo de "normalizar" a vivência dos colonos, afastando as populações do demônio e aproximando-as de Cristo. Buscava-se através das ações "normalizadoras" transformar o inferno em "paraíso" ou seja combater as formas de vivência religiosa não oficial, afim de que os indivíduos que fugiam da prática oficial imposta pelos colonizadores, passassem a temer os castigos curvando-se assim ao chicote do colonizador.

A vida cotidiana da colônia parecia estar profundamente demonizada e o esforço cristanizador dos missionários muitas vezes parecia não surtir efeito. Na colônia céu e inferno, sagrado e profano se misturavam, tornando assim, sincrética a religiosidade colonial. Mas será que esse sincretismo religioso vivenciado por muitos dos colonos não seria uma forma de amenizar os sofrimentos do dia-a-dia? De encontrar um sentido para a vida?

Era muito difícil para as vítimas das invasões reencontrar o sentido para a vida após as violências da escravização e da humilhação trazidas pelos europeus, e era mais difícil ainda para os africanos no bojo dos navios negreiros encontrar sentido para a vida, já que eles teriam sido despojados de tudo, a não ser da vida física. Diante de todo o sofrimento, talvez os índios e os africanos viram na religiosidade uma forma de amenizar seus sofrimentos, pois, apesar de tudo, eles acreditavam que os deuses não tinham morrido. E sendo assim o Brasil ficou sendo a terra de Tupã, a terra de Oxalá, a terra dos mestres da Jurema e dos Babalorixás. Havia toda uma

relação entre religião e sobrevivência. Segundo Eduardo Hoornaert, Especialista em História da Igreja, os pobres, não pediam muito, só um limitado espaço para respirar e simplesmente continuar a existir. Bastava um gesto, um rito, um pequeno sinal para preservar a esperança.

A ritualização religiosa mostrava-se presente em variados aspectos e práticas difundidas nessa sociedade. As moradas coloniais, por exemplo, ainda que rústicas, frequentemente eram decoradas com símbolos religiosos, imagens sacras, amuletos e quadros, que sinalizavam a presença do sagrado no espaço privado do lar. Nem sempre, no entanto, a relação dos colonos com os santos e símbolos eclesiásticos era a mais ortodoxa. Os xingamentos à Virgem e os “maus tratos” cometidos contra imagens de santos eram uma constante no cotidiano religioso da colônia. Luiz Mott<sup>6</sup> nos conta, que os devotos não atendidos em suas preces, por vezes colocavam seus santos de devoção de castigo, trancando-os em baús escuros ou os virando de cabeça para baixo, até que estes resolvessem atender os pedidos feitos.

A penitencia por sua vez, uma das principais manifestações da exteriorização do catolicismo popular, não era menos frequente. Tanto os indivíduos pobres, quanto as gentes de melhor qualidade, apelavam aos martírios a fim de chamarem a atenção da autoridade divina. Já os colonos mais abastados, zelosos ou duvidosos em relação ao destino de suas almas, deixavam importância em dinheiro, ou bens materiais, para celebração de missas pós-mortem. Portanto, entre os fiéis coloniais, existiam desde aqueles mais fervorosos e devotos, até aqueles que cumpriam os rituais católicos menos por devoção, do que por convenção social e obrigação.

---

<sup>6</sup> MOTT, Luiz. Cotidiano e Vivência Religiosa: entre a capela e o calundu. In: Laura de Mello e Souza (Org.). Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa. Coleção História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ampliar o conhecimento acerca da religião e religiosidade no Brasil colônia é sempre muito gratificante. Mergulhar neste universo religioso dos colonizadores e colonizados é algo mágico que possibilita uma visão do conjunto de manifestações culturais dos colonos diante de sua crença religiosa. Esta monografia foi pensada com o propósito de problematizar a temática sobre a “religiosidade e a colonização”. Por que se investir neste assunto? Embora alguns autores, como Laura de Mello e Souza, Luiz Mott, Anita Novinsky e Mary Del Priore, tenham contribuído de forma significativa com as novas abordagens acerca da religiosidade no Brasil colonial, ainda percebemos grandes lacunas no tocante as formas multifacetadas de vivências e convivências religiosas na colônia.

Tendo em vista a problemática acerca da religião e religiosidade no Brasil Colonial procurei a princípio problematizar o tema, pesquisando autores que trabalham esta temática, contextualizando e analisando o discurso de cada um dos autores citados para a fundamentação deste trabalho.

E assim pude perceber que a ritualização religiosa característica da América Portuguesa, verificada não somente nos costumes e práticas cotidianas descritas por Mary Del Priore e Laura de Mello e Souza, mas também nas pomposas procissões e festas religiosas promovidas pelas irmandades; aponta para uma sociedade fortemente marcada pelas regras de sociabilidade do Antigo Regime. Portanto, a religiosidade colonial, bem como as formas assumidas por ela no seio dos diferentes grupos sociais, está inscrita numa realidade onde as aparências importam mais do que as evidências. Na colônia muitos percebiam a vida como uma liturgia, uma encenação permanente dos mesmos gestos e atitudes tomadas pelos antepassados. A religião servia como instrumento quase exclusivo para estabelecer as identidades e interpretar a realidade.

Tendo em vista o que foi exposto, acredito que esta monografia, se destaca como uma iniciativa de estudo e pesquisa de um tema polêmico e segue-se com análises e observações de autores que escrevem sobre o tema exposto. A sua

contribuição pode ser pensada em múltiplas formas: o contexto do Brasil Colonial, as propostas de evangelização, as políticas de colonialismo, como também as práticas religiosas vivenciadas naquele tempo por homens e mulheres, que manifestavam multifacetadamente suas crenças e religiões, as vivências espirituais e terrenas, as diferentes formas de “imposição” de um cultura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI, Alfredo. *A Dialética da Colonização*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1997.
- PRIORE, Mary Del. *Religião e Religiosidade no Brasil Colônia. História em Movimento*. São Paulo: Editora Atiça, 1994.
- HOORNAERT, Eduardo. *A Igreja no Brasil-Colônia (1550-1800)*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- SOUZA, Laura de Melo e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- \_\_\_\_\_ *Inferno Atlântico*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- NOVINSKY, Anita Waingort. *O santo ofício da Inquisição em Portugal*. In. *A Inquisição*. São Paulo: Brasiliense- 1991.
- TODOROV, Tzvean. *Descoberta da América*. In. *A conquista da América – a questão do outro*. São Paulo. Martins, 1993.
- VALENTE, Valdemar. *Sincretismo religioso afro-brasileiro*. 2ª Ed. São Paulo: Nacional, 1980.
- VAINFAS, Ronaldo. *Moralidades Brasilicas: deleites sexuais e linguagem crótica na sociedade escravista*. In: Laura de Mello e Souza (Org). *Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. Coleção História da Vida Privada no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 1999.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo. Campinas. Ed. Campinas. 2003.
- VILELA, Magno José. *Roma e as Práticas Missionárias no Novo Mundo*. São Paulo: ECB, 1976.

- BRUIT, Hector. Bartolomé de Las Casas e a simulação dos índios. Campinas: ed. Universal de Campinas. São Paulo, Coleção melhoramentos, 1995.
- MOTT, Luiz. Cotidiano e Vivencia Religiosa: entre a capela e o calundu. In: Laura de Mello e Souza (Org.). cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa. Coleção História da vida Privada no Brasil. São Paulo: Cia. Das Letras, 1999 Vol. I